



Holofotes nos bastidores

POR PEDRO IBARRA

As críticas ao cinema de super-heróis e às franquias dos chamados blockbusters, ou arrasa-quarteirões em português, têm sido cada vez mais recorrentes. Entendendo a pasteurização do cinema como uma terra fértil para fazer graça, a Max lança hoje a série *A franquia*. Uma comédia metalinguística que olha para dentro de Hollywood para encontrar as piadas.

O novo seriado acompanha o primeiro assistente de direção Daniel (Himesh Patel), que trabalha na mais nova saga de super-heróis intitulada *Tecto*. O filme fictício trata sobre um vigilante capaz de fazer terremotos e voar com um martelo invisível. A produção está atrasada e passa por problemas com o roteiro e a excentricidade do diretor Eric (Daniel Brühl) e dos atores Adam (Billy Magnussen) e Peter (Richard E. Grant).

A série foi criada por Jon Brown e dirigida pelo vencedor do Oscar Sam Mendes. Ela é baseada em experiências cômicas que Sam Mendes teve quando filmava os dois filmes mais populares que já dirigiu, *007: operação Skyfall* e *007 contra Spectre*, somados a entrevistas e referências sobre o cinema denominado pipoca. A ideia é questionar e satirizar o “fazer da linguagem”, os bastidores desse cinema mainstream que movimenta bilhões de dólares por ano.

A graça presente nos episódios é concentrada no texto. O estranhamento dos diálogos e as reações ao caráter inusitado das situações são o trunfo do fazer rir. “O cômico são os personagens que amam a ideia de fazer esse tipo de filme, mas de alguma forma estão fazendo em uma época em que essa coisa romântica já morreu”, explica Jon Brown.

“Pela minha própria experiência, posso dizer o quão trágico e engraçado pode ser trabalhar nesses parques lunáticos e megalomaniacos que são essas sagas e universo de franquia”, afirma Daniel Brühl que já trabalhou em sagas imensas como o Universo Cinematográfico da Marvel (MCU) e em um dos filmes sobre *Cloverfield*. “Eu vivi a dor, a frustração, os flashes de esperança e a implosão. Todos esses altos e baixos”, complementa o ator.

A atriz de comédia Jessica Heynes é a encarregada da maior parte das trocas com Brühl, já que interpreta a assistente e supervisora de roteiro Steph. Apesar de não ter sido de um grande blockbuster, a atriz compartilha a visão de que esses bastidores da produção podem ser cômicos. “Essas produções são um ponto de partida incrível para a comédia. Você tem esse mundo incrível, enorme e complexo. Esse lugar é cheio de situações inusitadas e conceitualmente isso já é uma ideia muito interessante para comédia”, analisa. “É divertido acompanhar todas essas pessoas excelentes na

profissão que exercem se desdobrando para tirar esse monstro do chão”, acrescenta.

Em uma história como essa, com escolhas complexas de roteiro e cenas que unem o riso à tensão, é preciso concordâncias entre os atores, como foi com Heynes e Brühl. O entrosamento precisa estar em dia. “É como música, é preciso acertar a nota e o tom. É preciso se ajustar, encontrar o groove para você mesmo e com o grupo”, reflete o ator, que vive Eric. “Sinto que trabalhei com os melhores. Tem muita energia, e o tom cômico estava certo. Eu e Jessica, por exemplo, era como se estivéssemos tocando jazz”, elogia Brühl, em entrevista à *Revista*.

Nomes pequenos dos créditos

Quando levantada a ideia de uma comédia sobre as pessoas dos bastidores do cinema, não se pensou primariamente que há um outro efeito muito positivo: exaltar o trabalho daqueles menos favorecidos na dinâmica da indústria cinematográfica. “Nós imaginamos que seria uma sátira, mas o Jon conseguiu encapsular a romantização e a esperança que estão presentes na produção de um filme. Essa vontade de fazer algo maravilhoso”, pontua Sam Mendes. “A história está com a cabeça na sátira e o coração no drama humano”, filosofa.